

Fechamento de aeroporto por quase um mês é inédito no país

Paralisação no Rio Grande do Sul reflete em outros terminais do país

O fechamento de um aeroporto pelo período de quase um mês, como está prevista a interrupção nas operações do Salgado Filho, em Porto Alegre, é sem precedentes na história da aviação brasileira, segundo especialistas.

O aeroporto internacional de Porto Alegre foi fortemente atingido pela inundação que toma conta de boa parte da capital gaúcha desde a semana passada. A Fraport Brasil, empresa que administra o local, interrompeu por tempo indeterminado todos os pousos e decolagens na última sexta-feira (3), quando a pista ainda não estava tomada pela água, após companhias aéreas suspenderem voos para Porto Alegre.

Não levou muito tempo para a pista sumir no meio da água, que atingiu os terminais. Há imagens das cadeiras na sala de espera para embarque e escadas rolantes no meio da inundação.

No sábado (4), quando a água invadiu o local, o terminal de passageiros foi fechado e o aeroporto acabou evacuado. Um cargueiro e aeronaves executivas ficaram no alagamento.

A Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), com ressalva de ter sido criada há 18 anos, diz não ter localizado histórico de caso semelhante no país. “Sabendo-se que eventos dessa natureza e magnitude são mais comuns nos Estados Unidos, em regiões com ocorrência de furacões e tempestades”, afirma a agência.

Marcus Quintella, diretor do centro de estudos FGV Transporte, lembra que paralisações em aeroportos no país são pontuais, como em casos de greves. Até mesmo no exterior, em regiões sujeitas a catástrofes, não são tão longas, reforça ele.

“Já peguei caso de nevasca em Nova York, mas no outro dia o aeroporto voltou a funcionar, são paralisações intermitentes”, afirma.

Quintella compara o fechamento do Salgado Filho a eventos de guerra cita, por exemplo, o aeroporto da cidade de Dnipro, no leste da Ucrânia, que em março passado sofreu uma “destruição maciça” após dois



Imagens da inundação na capital gaúcha durante sobrevoos no último fim de semana

bombardeios russos.

O especialista ainda lembra de ventos de até 150 km/h que arrastaram um avião e provocaram a suspensão de mais de cem voos no Aeroparque, em Buenos Aires, no fim do ano passado horas depois a pista estava liberada novamente.

Questionada sobre se já começou a fazer uma avaliação das áreas atingidas no aeroporto gaúcho, a concessionária Fraport Brasil afirmou nesta terça-feira ainda não ter a dimensão do impacto na infraestrutura do aeroporto.

Em entrevista à TV Globo, o ministro Sílvio Costa Filho, titular da pasta de Portos e Aeroportos, também disse não conseguir dimensionar o dano. “É preciso ver a situação da pista, da torre de controle, da iluminação”, afirmou.

Costa, que participou de uma reunião nesta terça-feira no Palácio do Planalto para tratar da catástrofe em Porto Alegre, publicou em suas redes sociais que, entre outras ações, a estatal Infraero, que administra aeroportos como o Santos Dumont, no Rio de Janeiro, disponibilizará funcionários para trabalhar no Salgado Filho.

Reflexos pelo país

A paralisação na capital gaúcha, explica Quintella, reflete



Divulgação/Fraport



Divulgação/Fraport

Imagens do interior do terminal aeroportuário de Porto Alegre

em outros aeroportos do país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

De acordo com a Aena Brasil, que administra Congonhas, diz que apenas do aeroporto até a semana passada eram realizadas, diariamente, de 45 a 50 operações entre os aeroportos de Congonhas e Porto Alegre, incluindo pousos e decolagens. Todos esses voos estão suspensos até o fim do mês.

Nos planos do governo para o Rio Grande do Sul, sem seu principal aeroporto, é ampliar a malha aérea no estado. A ideia é usar sete aeroportos próximos de Porto Alegre para operar 150 voos semanais.

Luiz Afonso Senna, professor da Escola de Engenharia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e doutor na área de transportes, disse à reportagem que o impacto da inundação no aeroporto gaúcho é devastador.

“O Salgado Filho é um hub, o último grande aeroporto do país com mais conexões”, afirma Senna, em referência à localização próxima de países como Argentina, Chile e Uruguai.

A concessionária Fraport Brasil, responsável pelo aeroporto, indicou na segunda (6) que ainda não há uma data prevista para a reabertura. Companhias aéreas como Latam e Gol já anunciaram a suspensão de voos até 30 de maio para Porto Alegre.

Sem estimar prazos ou mensurar prejuízos, por “considerar impossível de ser fazer agora”, o diretor do centro de estudos FGV Transporte diz acreditar que o Salgado Filho não ficará muito tempo fora de operação.

“Acredito que a recuperação vai ser feita rapidamente, porque o aeroporto é administrado por uma empresa privada interessada que voltem os voos, inclusive por questões humanitárias”, diz.

Em entrevista a jornalistas na segunda (6), o ministro Costa Filho, mencionou a possibilidade de o governo federal reavaliar o contrato de concessão com a Fraport Brasil e que conversou sobre o tema com o ministro Bruno Dantas, presidente do TCU (Tribunal de Contas da União).

Com prateleiras vazias, mercados de Porto Alegre têm falta de suprimentos

Moradores de Porto Alegre têm tido dificuldade de encontrar suprimentos básicos em meio ao caos que tomou conta da cidade.

Mercados de diferentes bairros da capital estão com prateleiras vazias e com falta generalizada de álcool em gel e de alimentos como pão e ovo. O maior problema, porém, é a falta de água, cada vez mais rara na cidade. Nos locais onde ainda é possível achá-la, logo se formam grandes filas.

Na unidade do Zaffari do shopping Bourbon Ipiranga, no bairro Jardim Botânico, uma linha formada por mais de 60 carrinhos fazia a volta no corredor central. Todos a espera de sua chance de comprar um pouco de água. Devido à escassez do produto, a venda de garrafas e galões está

limitada por cliente, com funcionários do local organizando a distribuição.

Apesar disso, a situação no caixa era tranquila, sem grandes aglomerações. O supermercado é um dos maiores da cidade.

Já no Gesepel, no bairro do Bonfim, até mesmo prateleiras de refrigerantes estão com espaço de sobra. Quem chega no corredor de bebidas não disfarça a frustração ao ver a falta de produtos. Há quem leve bebidas de limão por “parecer mais com água”.

Angelina dos Santos, 71, tem cinco litros de água em casa, mas temendo problemas no abastecimento, foi até o supermercado. “Não podemos sair muito, não posso cozinhar. Tenho marmitas congeladas, mas vai acabar”.

Ela trabalha como cuidadora na casa de um idoso. O filho dele irá de Blumenau (SC) para aten-

der a demanda do pai e de Angelina com mantimentos. O caminho é longo e deve aumentar já que apenas duas vias permitem entrada e saída da capital gaúcha, a RS-118 e a RS-090.

Próximo dali, a loja do supermercado Zaffari do shopping Total tinha filas grandes nos caixas. O corredor de bebidas estava com poucas partes vazias, mas outros produtos, como sucos e refrigerantes, preenchiam a parte que teria água. Já na loja do bairro Rio Branco, as gôndolas destinadas para água estavam vazias. Consumidores saíam com fardos de água com gás, as únicas restantes.

A falta de suprimentos tem feito grande parte da população fugir em direção ao litoral do estado ou para a vizinha Santa Catarina, regiões que não foram afetadas pelas chu-

vas que atingiram a maior parte do Rio Grande do Sul.

O prefeito da capital gaúcha, Sebastião Melo (MDB), pediu que os moradores que conseguirem deixem a cidade, A saída em massa provocou alta procura em postos de combustíveis e congestionamento de estradas, embora o fluxo tenha diminuído nesta quarta.

A Associação Gaúcha de Supermercados (AGAS) garante que a situação não é de desabastecimento. O motivo das prateleiras vazias, segundo a entidade, é a alta demanda combinada com uma logística de reposição lenta. “Está acontecendo muita falta de funcionários para fazer a função nas lojas devido a dificuldades de acesso. Mas, conforme a água baixa, mais lojas vão operar e receber produtos”, diz o presidente da associação, Antô-

nio Cesa Longo.

Ainda no bairro do Bonfim, um prédio pagou R\$ 12 mil (metade adiantado) para um caminhão-pipa abastecer sua cisterna. São 18 mil litros que viajaram do litoral catarinense à capital gaúcha. A entrega levou dois dias.

Saída da cidade

Pelas ruas da capital gaúcha, escolta policial... Motociclistas da Brigada Militar auxiliavam no trajeto de um caminhão de combustível. Logo que o cenário piorou, ainda na última semana, postos registraram filas de carros para abastecer, o que se intensificou entre domingo (5) e segunda-feira (6).

Nesta quarta-feira, postos tinham retomado uma rotina mais próxima do usual, mas ainda havia quem abastecia antes de viajar para sair da cidade.

No bairro Partenon, que não está alagado, ficam as saídas da cidade que restaram, em direção a Viamão, e que levam para o litoral.

Em um posto de gasolina da região, o movimento é mais intenso, assim como o fluxo de veículos indo em direção à cidade vizinha. Na tarde desta quarta-feira, a chuva aumentou, mas não diminuiu a ida dos moradores para o litoral gaúcho.

Alexandre de Souza, 41, decidiu ir com a família para Capão da Canoa (RS), onde eles têm uma casa. No carro, ele dirigia e tinha a companhia de mais cinco pessoas, além de um cachorro. “Vamos ficar mais tranquilos na praia”, disse o morador do bairro Santo Antônio, que fica longe das águas do Guaíba, mas que também foi afetado pela falta de água e luz.